



WERTH, Nicolas. **La route de la Kolyma – Voyage sur les traces du goulag**. Paris: Belin Éditeurs, 2012. 224 pp.

ARQUIPÉLAGO DO SILÊNCIO, KOLYMA

Carlos Eduardo Bione¹
Universidade de Brasília
cadubione@gmail.com

Numa época em que as distâncias se estreitam como resultado dos avanços tecnológicos, todo e qualquer confim do globo terrestre parece acessível por câmeras motorizadas, e as fronteiras parecem se dissiparem, ao menos na virtualidade dos mundos digitais, a pergunta que se impõe nesse contexto de espacialidades fluidas no campo da escrita é: teria alguma valia, na atualidade, a narrativa de viagem?

Em um tempo de multiplicações – e esvaziamentos – *ad nauseam* das perspectivas enunciativas, anunciando sua excepcionalidade a partir do argumento egóico da auto-experiência, de que nos valeria, então, o relato de um desconhecido que se engaja numa viagem insólita a uma parte do mundo que, à primeira vista, não teria absolutamente nada de excepcional a oferecer ao olhar do viajante – a não ser o total oposto de tudo aquilo que, de costume, se procura numa viagem de verão, paisagem agradável, dias ensolarados, tempo ameno, uma caminhada à beira-mar pés descalços sobre areia branca e fina?

Entretanto, a viagem que nos é apresentada pelo narrador do relato que dá corpo ao livro « *A rota da Kolyma – Viagem sobre os traços do gulag* », de Nicolas Werth, cuja primeira edição remonta ao ano de 2012, foge ao que normalmente se espera do gênero. A beleza e o exotismo das paisagens que, durante séculos, fomentaram a escrita de viajantes empenhados na descoberta de novos universos, usos e costumes, há muitos anos vêm sendo substituídos por uma busca de experiências originais, geralmente que proporcionem aquilo que o vocabulário da tópica das narrativas de viagem convencionou nomear *dépaysement*, ou seja, o movimento de distanciar-se do conhecido – substantivo do galicismo formado a partir do verbo *dépayser* (cujo sentido aproximativo seria “distanciar-se de suas origens, raízes”) + o sufixo *-ment* (que atribui status de nome ao verbo). Mas esse pôr-se em

¹ Graduando em História, na Universidade de Brasília (UnB), graduado em Letras/Português e Estudos Literários pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestre em Letras/Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).



condição de distanciamento e estranhamento às vezes nos proporciona bons relatos de experiência para além do mero exotismo registrado pelo olhar e pela escrita do autor e do narrador *voyeur*.

Geralmente escritas e narradas por um(a) jovem adulto(a) que se lança na aventura da descoberta, as narrativas de viagem, por norma, guardam essa característica do encontro com o insólito, com o inesperado, como núcleo propulsor da ação narrada. O que encontramos no longo relato de Nicolas Werth, porém, subverte essa premissa do formato textual predefinido. Há aventuras sendo narradas no livro? Sim, mas de outra ordem. Não se tem, ao longo das suas mais de duzentas páginas, a recriação de um explorador protagonista, de tipo *Indiana Jones*, em busca de arcas de diamantes perdidas em cavernas improváveis e acantonadas em áreas inacessíveis. Por outro lado, tem-se, noutra proporção daquilo que podemos nomear « aventura », o relato de um historiador sexagenário, com uma longa carreira acadêmica, vários livros publicados, que se tornaram referência obrigatória para todo e qualquer pesquisador aspirante a desenvolver algum estudo na área da soviétologia, a nos narrar os imprevistos de uma viagem ao extremo leste russo e cujo objetivo seria a aparentemente simples coleta de relatos dos últimos sobreviventes dos campos de trabalho forçado da Kolyma.

A viagem transcorre entre os meses de julho e agosto de 2011. Alto verão, portanto, um período do ano *a priori* viável para se fazer uma visita a uma cidade no extremo leste da Sibéria. No entanto, o que se vê, já nos primeiros dias da estada, é a confirmação dos versos de uma antiga canção composta por ex-prisioneiros: “em Magadan, o inverno dura doze meses e no resto do ano é verão”. Nas primeiras páginas, o narrador nos esclarece o motivo da viagem, estaria atendendo ao convite de uma velha amiga: a também historiadora Irina Anatólyevna Flige. Desde a década de 1990, ela vem-se dedicando tenazmente à luta pela memória das vítimas da repressão do totalitarismo colocado em prática nos anos do governo Stalin. Irina Anatólyevna está à frente da filial da Associação *Memorial*, localizada em São Petersburgo, uma das raras organizações não governamentais que conseguem desenvolver suas atividades sem grandes complicações políticas no país.

O convite – tentador para qualquer pesquisador da área – resumia-se a encontrar os últimos sobreviventes que estiveram nos campos e que permaneceram vivendo na cidade de Magadan, bem como visitar os lugares de memória que permanecem ativos por iniciativa exclusivamente de particulares, e, por fim, ir aos museus da região para fotografar o acervo referente aos campos do gulag². Esse material seria posteriormente colocado em exibição no primeiro museu virtual – criado por iniciativa da ONG *Memorial* – dedicado às vítimas dos campos. Mas os encontros

² Acrônimo surgido em 1930 a partir da apelação *Главное Управление Лагерьей* [Glavnoié Upravléníé Laguérei], que significa Administração Principal dos Campos.



e as experiências narrados ao longo do livro ultrapassam o mero movimento mecânico da “coleta de dados” para alimentar o corpus de uma pesquisa. Nesse sentido, a apropriação assaz do relato que nos é contado, com detalhes descritivos de situações inusitadas, rompe com essa dinâmica fria de gabinetes de pesquisa e suas fontes documentais, porque nos põe em contato com personagens vivos e suas histórias de vida e de resistência contra um tempo implacável de repressão.

Pouco a pouco, o leitor vai sendo introduzido no universo do tema de pesquisa do autornarrador. Nicolas Werth é um renomado historiador francês, diretor de pesquisas na área da história soviética. Ligado ao Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS na sigla original³), órgão máximo de referência no seu país, foi um dos primeiros historiadores ocidentais a terem acesso aos arquivos da burocracia soviética quando houve a dissolução da URSS em 1991. À época, Werth encontrava-se em Moscou trabalhando como colaborador da Adidância Cultural da Embaixada da França. Antes, porém, já tivera uma primeira estada na URSS, em meados da década de 1980, onde atuava como leitor enviado a um Liceu Superior de Minsk.

Essa proximidade e familiaridade com as dinâmicas sociais da antiga URSS proporcionou-lhe, no período da abertura dos arquivos oficiais, o contato direto com as fontes primárias das manobras secretas de funcionamento do período stalinista. A abordagem precursora, feita ainda no calor da hora da dissolução do regime, rendeu ao historiador a publicação de obras importantes no que tange à divulgação de um conjunto documental que ajuda a desenvolver novas abordagens⁴ de análise daquele período.

Dessa forma, a oportunidade de ir a Magadan acompanhando a colega Irina Anatólyevna e outros membros da Associação *Memorial* seria o momento raro que possibilitaria ao historiador « confrontar » todo o conhecimento historiográfico que ele produzira até então com o relato das pessoas que conheceram, da pior maneira possível, como aquelas dinâmicas se materializavam na vida quotidiana dos campos. Portanto, a viagem era uma oportunidade de aproximação ao tema totalmente diferente daquelas descritas de forma fria e impessoal em planilhas e números dos relatórios produzidos pela polícia de repressão stalinista.

³ *Centre National de Recherches Scientifiques*.

⁴ No âmbito dos estudos da literatura de testemunho, por exemplo, aquelas primeiras publicações de Nicolas Werth, ainda da década de 1990, notadamente o seu « *Rapports secrets soviétiques : la société russe dans les rapports confidentiels 1921-1991* » [Relatórios secretos soviéticos: a sociedade russa nos relatórios confidenciais 1921-1991], publicado em 1995, têm servido de fonte de consulta a uma geração de pesquisadores interessados em aprofundar o entendimento da dimensão das cenas narradas nos livros de um Varlam Chalamov, autor dos « *Contos da Kolyma* », ou de um Alexander Soljenítsin, autor da narrativa mais contundente sobre a experiência concentracionária sob o regime stalinista, o romance « *Arquipélago Gulag* ».



Os detalhes dos fatos antes de os condenados serem enviados aos campos para purgarem a sua pena – ou seja, como se davam as perseguições, as detenções provisórias, os julgamentos improvisados, que duravam poucos minutos e sem direito a argumentações de defesa – vão sendo apresentados paulatinamente pelo narrador. Esse recurso tem por objetivo colocar o leitor, menos habituado à miríade de detalhes que envolve o tema, em contato com o universo das práticas de repressão implementadas basicamente no período que vai do final da década de 1920 até o ano de 1953, com a morte do ditador Josef Vissarionovitch Stalin.

Situada no extremo leste do país, a oito fusos horários de diferença em relação à capital Moscou, Magadan foi oficialmente instituída como cidade e capital administrativa do Oblast de Magadan no ano de 1929. Entretanto, a ocupação da região deu-se já em anos anteriores, quando, sob o governo Stalin, prisioneiros condenados ao exílio e ao trabalho forçado começaram a ser enviados à região da Kolyma, a Sibéria profunda. Magadan então fora construída pelos próprios prisioneiros para servir de porto de entrada à região da Kolyma e de entreposto para os condenados aos campos.

Após semanas empilhados em embarcações de navios cargueiros, os prisioneiros finalizavam a travessia do porto de Vladivostok rumo a Magadan. Uma vez desembarcados, ficavam ali por cerca de uma semana até serem transferidos, em caminhões para transporte de animais, até os campos. Estes ficavam a norte de Magadan – a uma distância mínima de 500 quilômetros da cidade –, instalados na maioria das vezes nas cercanias das áreas de extração mineral.

A região da Kolyma é uma das maiores reservas auríferas do mundo. Tal localização não fora escolhida por acaso, como nos explica o narrador; apesar de inóspita e de oferecer severas condições climáticas – com temperaturas alcançando facilmente os 50 graus negativos durante o inverno – a imensa área de montanhas serpenteadas pelas águas do rio que dá nome à região, Kolyma, estaria destinada a servir de reserva de extração mineral, tendo como principal fonte de trabalho a mão de obra forçada dos condenados, com vistas a assegurar o alcance das metas do plano quinquenal para o desenvolvimento industrial do país.

No decorrer da narrativa, para além dos detalhes de ordem operacional do sistema dos gulags, o leitor tem contato com as histórias de vida de pessoas que concluíram a sua pena nos campos, porém acabaram por permanecer vivendo em Magadan ou nas imediações da cidade. Passados os cinco, oito, dez anos de detenção, muitos dos sobreviventes, ao serem liberados, já haviam perdido totalmente o contato com os seus familiares. Além disso, nenhum serviço assistencial fora colocado em prática no sentido de viabilizar a reinserção social dos antigos prisioneiros. Assim, ao deixar o campo, a grande maioria não tinha para aonde ir muito menos contava com alguma ajuda financeira para regressar à sua cidade de origem.



Nesse ponto da narrativa, Werth entrelaça o seu relato com o de um ex-prisioneiro, personagem do conto do escritor Varlam Chalamov⁵, que, condenado a vagar sem rumo entre o campo de trabalho e a cidade de Magadan, questiona quando finalmente aquela condenação teria fim. O narrador wertheano, nesse sentido, identifica que, para muitos que ali permaneceram tentando retomar a sua vida – pois temiam regressar à sua cidade natal como um pária, ex-detento da Kolyma –, a condenação permanecia como uma marca impossível de ser apagada. Verdadeiro estigma social que parece fazer eco ainda na percepção dos habitantes de Magadan, quase todos descendentes de antigos prisioneiros da Kolyma.

Entre os relatos de antigos prisioneiros sobreviventes, feitos de viva-voz à equipe coordenada por Irina Anatólyevna, há igualmente o resgate de outros relatos que entram na narrativa de Werth a partir de algum encontro informal entre o autor e personagens locais, como, por exemplo, a longa conversa com o historiador responsável pela curadoria do museu regional, mantido sob cuidados do governo local. Percebemos claramente, nas páginas que tentam resgatar aquela conversa, uma disputa entre narrativas, não exatamente conflitantes, mas que expõem o esforço institucional de colocar em prática um controle sobre aquilo que é narrado e apresentado no espaço museal em relação aos campos e às vítimas da repressão enviadas à Kolyma.

Enquanto uma parte do grupo que fazia a visita à instituição produzia as fotografias de apenas uma dúzia de objetos, criteriosamente selecionados sob autorização expressa do diretor do museu, Werth, ao descobrir que o museólogo era o autor de alguns estudos importantes, que ele já lera, sobre a construção de políticas de memória envolvendo o tema do gulag, conseguiu estabelecer com o funcionário alguma ligação de confiança, o que lhe rendeu o acesso exclusivo a uma sala trancada do museu. Diante daquele acervo mantido fechado ao público, o especialista realizou uma visita guiada tendo o historiador como único interlocutor. Por pouco mais de uma hora, mostrou-lhe parte do ambiente museográfico, interdito à visitação, e contou-lhe com riqueza de detalhes as narrativas por detrás de cada peça exposta. Obviamente, a versão institucional apresentada ao grande público diferenciava-se substancialmente daquela feita a portas fechadas a Werth.

Entre as passagens pouco publicizadas dos eventos ligados à fundação da cidade e à consolidação do poder governamental local, estão os fatos relacionados ao militar Edward Petrovitch Berzin e sua esposa Elza Mittenberg Berzin. Para a narrativa oficial, o casal seria o exemplo mais acabado do exercício da cidadania patriótica a serviço do desenvolvimento da nação. No início da década de 1930, o casal fora enviado à região para fazer desenvolver o que até então não passava de

⁵ in CHALAMOV, V. « *Récits de la Kolyma* ».



uma ocupação improvisada e, o mais importante, dirigir a administração local da Dalstroy – organização soviética, criada pela polícia política NKVD⁶, responsável pela construção de rodovias e pelas minas de extração de ouro na região da Kolyma.

A obra mais emblemática e conhecida realizada sob comando da Dalstroy talvez tenha sido a Rodovia R504-Kolyma, também conhecida pela alcunha « Rota dos ossos ». Esse termo faz referência à “solução” administrativa encontrada para dar fim ao corpo dos prisioneiros mortos devido às condições extremas de trabalho quando da sua construção – a depender do trecho, durante o inverno, as temperaturas podiam alcançar facilmente os 70°C negativos. Estima-se que cerca de 250 mil trabalhadores tenham morrido nos canteiros de obra ao longo da sua construção, entre 1932 e 1953. Sem direito a um sepultamento digno, os corpos eram depositados na vala rasa que servia de fundação à estrada.

A rodovia 504-Kolyma cobre, de ponta a ponta, uma área de 2.032 quilômetros, ligando a cidade de Nijni Bestiakh, ponto oeste, a Magadan, na sua extremidade leste. Devido às condições climáticas extremas da região e os bloqueios frequentes provocados pelas tempestades de neve, a rodovia é pouco utilizada durante boa parte do ano. Não sem razão, chama a nossa atenção o fato de que, no discurso dos habitantes atuais de Magadan – ao menos daqueles engajados de alguma forma na preservação da memória das vítimas, seus ancestrais, em última instância – permanece, sob forma de expressão fixa corrente, a referência aos suplícios envolvendo a construção da rodovia. Em passagens do livro, a fórmula *sobre os ossos de surge* em meio ao relato dos interlocutores de Werth.

As memórias do casal Berzin, fundador patrono da cidade, não condizem com aquelas dos antigos prisioneiros. Se, nas narrativas difundidas nos espaços de memória oficiais, portanto as versões institucionalizadas, a aventura da ocupação e da posterior colonização de uma região despovoada e completamente inóspita do extremo leste da Sibéria, permanece um tom de desbravamento em nome do desenvolvimento e do progresso da nação. Do ponto de vista dos sobreviventes dos campos, verdadeira massa humana usada compulsoriamente como mão de obra forçada, os anos da Kolyma não constituem exatamente um período áureo para a história de suas vidas.

O luxo em que vivia o casal Berzin em tudo contrastava com a realidade local. Na longa entrevista que concedeu um ano antes da sua morte, sobre as memórias da família ao longo dos anos 1930, instalados com os dois filhos, Piotr e Mirtza, na Kolyma, Elza rememora a prática do marido de fazer a ronda diária entre os campos usando o Rolls-Royce que lhe fora ofertado por Stalin. O carro foi oferecido como gratificação e reconhecimento pelo serviço prestado por Berzin à nação à frente

⁶ Abreviação de *Народный комиссариат внутренних дел* [*Narodnyi komissariat vnutrennikh del* ou, numa tradução direta para o português, Comissariado do Povo para os Negócios Internos].



da Dalstroy. Entre os anos de 1933 e 1934, a exploração aurífera na região, sob comando de Berzin, fora multiplicada por dez, alcançando a cifra inédita de 33 toneladas de ouro extraídas no período de dois anos (Werth, 2012: 26). Um fragmento da fala de Elza Mittenberg reconstitui uma passagem daqueles *anos dourados*, memoráveis para a família Berzin na sua “missão civilizatória” do extremo leste siberiano:

Um belo dia, o barco descarregou um Rolls-Royce para Edward Petrovitch [Berzin]. Nadejda Konstatinovna Krupskaja circulara nesse carro. Eu me lembro da primeira vez que Edward Petrovitch entrou no seu automóvel. Ian Krumin, nosso motorista, conduzia-o. Era inverno. Eu preparei pelmeni⁷ e bolinhos de carne para eles. Bom, é claro que o Rolls-Royce não era muito adequado ao clima da Kolyma, meu marido e o motorista precisavam se enrolar nos seus casacos de pele de urso, pois o carro não tinha aquecimento. Pouco tempo depois, Edward Petrovitch aprendeu a conduzir esse carro que ele tanto amava. Foi no Rolls-Royce que comparecemos à inauguração da primeira ponte da Kolyma. Um evento grandioso – você imagina: uma ponte atravessando um majestoso rio na Sibéria! Houve belos discursos, uma orquestra, uma bela cerimônia. Quando Edward Petrovitch cortou a fita da inauguração, toda a multidão se pôs a gritar: « Ura! »⁸. E, pela primeira vez, o nosso Rolls-Royce atravessou a ponte!⁹

Na sala fechada do museu de história regional de Magadan, a que Werth teve acesso exclusivo, existe uma vitrine dedicada à história dos Berzin, “família fundadora” da cidade, e nela consta em exposição uma fotografia, analisada em detalhes pelo funcionário, em que posam, em primeiro plano, diante do carro, Edward Berzin e Elza Berzin. O período glorioso para os Berzin, cuja administração alcançara desenvolvimento pujante da região, terá fim no ano de 1938 quando o antigo militar e membro da NKVD será levado ao tribunal da polícia política e condenado à execução

⁷ Prato russo de alto valor calórico preparado, sobretudo, durante o inverno; espécie de ravióli recheado com carne, frango, legumes, queijo, acompanhado do tradicional molho *smetana*, creme azedo à base de leite integral.

⁸ Interjeição russa equivalente a um « Bravo! ».

⁹ No original: « Un beau jour, le bateau déchargea pour Édouard Petrovitch une Rolls-Royce. Nadejda Konstantinovna Kroupskaïa avait circulé dans cette voiture. Je me souviens de la première fois où Édouard Petrovitch étrenna son automobile. Ian Kroumine, notre chauffeur, la conduisait. C'était en hiver. Je leur avais préparé des pelmeni et des boulettes de viande. Bien sûr, la Rolls-Royce n'était pas très adaptée au climat de la Kolyma, mon mari et le chauffeur devaient s'envelopper dans leur pelisse d'ours, la voiture n'était pas chauffée. Par la suite, Édouard Petrovitch apprit à conduire lui-même cette voiture qu'il aimait beaucoup. C'est en Rolls-Royce que nous nous sommes rendus à l'inauguration du premier pont sur la Kolyma. Un énorme événement – vous vous imaginez : un pont franchissant un majestueux fleuve sibérien ! Il y eut de beaux discours, un orchestre, une belle cérémonie. Quand Édouard Petrovitch coupa le ruban, toute la foule se mit à crier « Hourra ! » Puis notre Rolls-Royce franchit la première le pont ! » (Entrevista concedida por Elsa Berzin à jornalista Tamara Smolina, sob o título « Судьба Берзиных » [trad. « O destino dos Berzin »], publicada no periódico *На Севере Дальнем* [trad. *No Extremo Norte*], 1988, pp. 196-222 *apud* WERTH, 2012: 29) [tradução nossa].



nos últimos momentos da grande purga stalinista – período também conhecido como o Grande Terror, com duração de agosto de 1937 a novembro de 1938, e que condenará à pena máxima 750 mil cidadãos soviéticos, entre eles todos os antigos membros do alto escalão do partido.

Para a narrativa da memória institucional local permaneceu, entretanto, a imagem do casal que dedicou quase uma década da vida familiar aos sacrifícios¹⁰ de abandonar uma vida confortável no continente¹¹ para gerir a Dalstroy e fazer nascer do nada, em meio às intempéries da Sibéria, a região, proporcionalmente, mais rica da URSS, tendo em conta a sua produção no extrativismo aurífero. Envolvido nessa retórica de grande saga, Alexandre Serguéievitch, funcionário do museu, menciona os esforços reunidos por Elza Mittenberg Berzin para fazer levantar o grande teatro da cidade e, assim, possibilitar alguma vida cultural na região.

Tal fato, explica o funcionário, só teria sido possível graças à “coincidência” de a Dalstroy receber em seus campos, como prisioneiros, figuras conhecidas em Moscou e em São Petersburgo na área da engenharia civil e da arquitetura. Por razões obscuras, essas pessoas teriam sido enquadradas no artigo 58 do código penal soviético como criminosos contra-revolucionários. Entre as personagens mais conhecidas estão o pintor Vassilii Chuvaiev, enviado como prisioneiro à Kolyma no início de 1937, assumindo posteriormente as funções de chefe da decoração do grande teatro de Magadan; ou ainda o diretor teatral Vsevolod Meyerhold, que morreu no campo no ano de 1939, e foi o responsável por coordenar a improvável montagem da ópera *La Traviata*, de Giuseppe Verdi, que estreou no ano de 1937, no teatro recém-inaugurado nos confins da Sibéria. O discurso de Berzin – cujas funções se confundiam, diretor da Dalstroy e governador/fundador da região – após a sessão permanece sendo referenciado no museu local como símbolo do sucesso da conquista da região: “ainda há algum tempo não havia nada nessa região, só neve e ursos; hoje assistimos a uma ópera de Verdi” (Werth, 2012: 59).

Outra figura emblemática da vida cultural soviética que desapareceu subitamente, e que teve seu destino colado às “lendas” da Kolyma, foi o cantor Vadim Kozin. Entre os encontros que Werth narra com responsáveis locais pela manutenção da memória das vítimas do gulag, o autor descreve a longa conversa que teve com a diretora, Vera Ilitchna, do museu dedicado ao cantor. Instalado no antigo apartamento

¹⁰ Edward e Elza Berzin eram naturais de Riga, na Letônia, construíram promissoras carreiras ligadas à intelectualidade e às artes. Entretanto, ao ser nomeado à chefia da Dalstroy, o casal teria aceitado abrir mão de uma vida confortável, próximo ao centro do poder soviético, para lançarem-se na grande conquista do leste siberiano. É baseada nessa noção central de “sacrifício” que a versão histórica institucional do museu reproduz, na sua narrativa, os feitos da família Berzin na Kolyma.

¹¹ Por sua localização geográfica, a concepção de que a região da Kolyma é um território apartado do resto do país ainda é reiterada na fala dos habitantes de Magadan. Daí a oposição ilha *versus* continente.



de um quarto onde viveu o resto de sua vida após ser liberado dos campos, o museu preserva intacto o espólio do compositor. Kozin talvez tenha sido o artista mais conhecido da URSS até o final do ano de 1944 quando foi sentenciado por crime contra-revolucionário, agravado por “corrupção de menores” e “atos de pederastia” – uma conjunção condenatória até então pouco comum.

Segundo Vera Ilitchna, nada se provou de fato contra ele. Sua condenação teria sido forjada, peça por peça, pela polícia de repressão stalinista porque o cantor teria recusado um pedido para compor, sob encomenda, uma canção elogiosa ao ditador para as celebrações do seu aniversário no ano de 1944. A mãe e as irmãs de Kozin morreram de inanição meses antes, quando do cerco à cidade de Leningrado pelo exército alemão. Kozin teria pedido aos altos comandos do partido, a que tinha acesso direto, para que elas fossem retiradas de Leningrado a tempo, antes que o cerco nazista se instalasse, e fossem enviadas a Moscou. Fato que, ao fim, não aconteceu. Em fevereiro de 1945, Kozin foi condenado pelo tribunal do NKVD e enviado aos campos da Kolyma.

Ainda de acordo com Ilitchna, a vida do cantor foi poupada graças aos esforços de Elza Berzin para protegê-lo, evitando que ele fosse enviado aos trabalhos mais extenuantes do campo. Para tanto, Elza organizava participações do tenor em espetáculos improvisados em Magadan. Quando foi oficializada a liberação de Kozin, em 1950, três anos antes do previsto, seu dossiê indicava redução de pena por bom comportamento, uma intervenção da administração local improvável de acontecer em relação às penas estabelecidas pelo tribunal de crime da polícia política soviética. A mudança, provavelmente, teria sido conseguida por intervenção de sua “tutora”.

Em 1959, Vadim Kozin foi condenado novamente ao campo de trabalho forçado e à reeducação, dessa vez enquadrado no artigo 154-a do código penal da RSFSR¹², por crime de “sodomia”. O cantor permaneceu nos campos até o ano de 1961. Após dezesseis anos, metade deles como prisioneiro, Kozin, na crença de que havia sido esquecido completamente pelo grande público soviético, decide estabelecer-se definitivamente em Magadan – cidade que lhe acolheu e rendeu-lhe algum reconhecimento modesto até o ano de sua morte, em dezembro de 1994, aos 91 anos.

Para além das inúmeras histórias de pequenos personagens que Werth vai catalogando e narrando ao longo de sua estada na região que reuniu o maior centro concentracionário de condenados pela repressão do regime stalinista, o aspecto que talvez nos chame mais a atenção seja a fragilidade dessas memórias e narrativas diante do avançar do tempo. Decerto que algumas delas têm um presente e um futuro – ao menos a médio prazo – mais seguros, visto que foram “institucionalizadas” a

¹² República Socialista Federativa Soviética da Rússia.



partir de iniciativas particulares, com algum apoio da gestão governamental local. Como é o caso do museu-apartamento dedicado ao cantor Vadim Kozin, “tutelado” pela administração pública.

Por outro lado, a disputa das narrativas é intensificada, ocasionando uma luta de braços entre o poder público e os agentes sociais diretamente envolvidos na manutenção dessas memórias. Tal cenário ganha forma tendo como ponto de partida o marco do projeto político da atual gestão russa, que objetiva a restauração da narrativa histórica ligada à imagem de uma Rússia grandiosa. Nesse contexto, a curadoria das memórias pouco adaptadas a esse projeto governamental, colocada em prática por esferas oficiais responsáveis pela gestão – aprovação ou silenciamento – de páginas sensíveis da narrativa histórica oficial, é rigorosa ao selecionar e delimitar até que ponto os fatos envolvendo a repressão stalinista podem permanecer na versão histórica oficial replicada nos espaços de memória subvencionados pelo governo.

O que se percebe, e Werth é categórico ao apontar as evidências, é um interesse do poder público em “conter” a dimensão que a grande repressão alcançou, sobretudo entre os anos 1930 e 1953. Como parte dessa dinâmica seletiva, de fortes contornos políticos, constata-se, por exemplo, o não envolvimento do Estado em ações de reconhecimento ligadas a episódios comprovados de grandes crimes contra a sociedade. Essa recusa estaria diretamente associada à tentativa de preservar uma imagem grandiosa da nação controlando até que ponto seria benéfico, para a percepção pública, o Estado reconhecer tais fatos e integrá-los à sua narrativa histórica oficial.

O autor nos apresenta, por fim, dois exemplos paradigmáticos nesse perspectiva. O primeiro diz respeito à recusa de instâncias oficiais do governo no reconhecimento de um lugar de memória, onde, em 1997, 236 valas comuns foram encontradas graças a pesquisas incansáveis nos arquivos da polícia de repressão pelos historiadores Irina Flige e Iuriy Dimitriev. O território, perdido na imensa floresta localizada na fronteira da região russa da Carélia com a Finlândia, fora utilizado como local de execução de milhares de presos políticos no período do Grande Terror. A despeito do não reconhecimento oficial, o lugar foi acolhido como espaço de memória por outros Estados, notadamente aqueles que foram tocados diretamente pela grande repressão do período 1937-1938, a saber, Ucrânia, Finlândia e Polônia¹³. O segundo exemplo citado por Werth refere-se ao envolvimento do Estado no sentido de apoiar

¹³ Sobre esse episódio envolvendo as valas comuns de milhares de prisioneiros executados na floresta da Carélia, o autor Nicolas Werth traduziu para o francês o livro da historiadora russa Irina Flige, que encontrou a localização exata das valas e transformou essa investigação kafkiana de anos de pesquisa cotejando diferentes arquivos no relato « *Sandormokh – Le livre noir d'un lieu de mémoire* » [“Sandormokh – O livro proibido de um lugar de memória”, em tradução direta nossa], publicado originalmente em 2019, e cuja versão francesa saiu em fevereiro de 2021.



e atribuir legitimidade às demandas judiciais da Igreja Ortodoxa Russa para reaver parte do seu patrimônio imobiliário que fora confiscado durante os anos do regime soviético. De modo similar, tem-se a chancela estatal nos casos envolvendo o reconhecimento oficial de lugares de memória onde membros do clero russo e fiéis teriam sido vitimados pela repressão.

A partir da análise de ambos os casos, confrontados à esquiva reiterada das instâncias oficiais em relação aos grandes massacres que tocaram cidadãos comuns, Werth conclui que essa ambiguidade das ações estatais, em termos de gestão das memórias consideradas “sensíveis”, teria o propósito de proteger a imagem de um Estado grandioso. Segundo o autor, a dinâmica é clara: se, por um lado, são feitos esforços para incluir na narrativa oficial as memórias das vítimas da grande repressão do período soviético, como, por exemplo, a abertura do museu do gulag num prédio histórico situado no coração de Moscou. Por outro lado, evita-se qualquer aproximação, seja por reconhecimento ou de ação memorial, de fatos que possam colocar em questão a legitimidade do ente máximo, o Estado. Como consequência dessa dinâmica, diante do dilema de reconstrução do Estado ou da sociedade, o que se denota é aquilo que os especialistas em justiça de transição chamariam de *paz imposta*, ou seja, existe a aceitação diante das evidências dos fatos, com eventual reconhecimento do que aconteceu, todavia, não há movimento algum no sentido de acionar judicialmente os envolvidos. Logo, não existem julgamentos, tampouco existem culpados.

A cena que nos é narrada por Werth em tom de melancólica anedota, durante sua ida a um café-bar no centro de Magadan, talvez nos dê a dimensão do sentido da luta contra o silenciamento e o esquecimento travada por aquelas pequenas personagens, invisíveis, anônimas, que tiveram a rota de sua vida completamente desvirtuada pelas arbitrariedades de um regime totalitário e que, como se permanecessem condenadas eternamente, ficaram presas nessa espécie de grande arquipélago do silêncio, a Kolyma.

Ao ser atendido pela jovem garçonete da cafeteria, Werth notou o semblante de curiosidade da moça diante do cliente estrangeiro, de idade avançada, passando o verão numa cidade improvável do extremo leste siberiano. Servido o café, não demorou para que ela lhe perguntasse o que ele fazia ali. Werth, acreditando responder com alguma obviedade, explicou-lhe que fazia pesquisas sobre o gulag. A jovem, sem perceber exatamente do que se tratava, insistiu: “é um grupo de rock da região?”.

É nesse espaço limítrofe do imponderável que se desenvolve a narrativa de uma viagem inusitada à Kolyma, com um historiador sexagenário parisiense passando as férias de verão numa cidade da Sibéria profunda, uma improvável banda



de rock da cena musical de Magadan, chamada Gulag, existente apenas na imaginação de uma jovem garçonete do café-bar central.

Os silêncios que circundam o arquipélago dos antigos campos da Kolyma – o natural das escarpas siberianas, mas também os que foram impostos a partir da alta burocracia – parecem fazer com que a região permaneça suspensa num presentismo contínuo, à espera de um futuro que nunca chega. Ambiência prenunciada por Anton Tchekhov um século antes? Talvez. Guardadas as especificidades circunstanciais, o diálogo entre essas dobras temporais – a de um império agonizante, onipresente na obra tchekhoviana, e a de uma sociedade pós-revolucionária sob o regime totalitário dos anos Stalin – pode nos ajudar a entender os vestígios e as ruínas deixados por aqueles tempos extremos.

A metáfora do corpo orgânico que se mineraliza, como fim implacável dos condenados aos campos – imagem recorrente nos contos de Varlam Chalamov – dialoga com a escrita de Werth enquanto este, a cada encontro com antigos prisioneiros, a cada conversa inusitada com algum morador de Magadan, a cada depoimento gravado, traz para a sua narrativa um senso de urgência, da pulsação viva das lembranças contra a fria pedra do esquecimento. Enfim, trata-se de uma luta contra o apagamento das memórias operado pelo tempo que avança.

Que este notável livro de Nicolas Werth possa nos ajudar a entender a complexa dinâmica das políticas institucionais de memória e as disputas narrativas que elas ensejam; mas, também, que esse relato da *Rota da Kolyma* nos seja um meio para lembrarmos aquelas histórias de vida esquecidas, para lembrarmos os outros milhares silenciados e jamais esquecermos o que significou a arbitrariedade repressiva de um regime totalitário.

Narrativa de viagem composta a partir da observação sensível e da escuta atenta do outro, essa espécie de diário de bordo de um mergulho profundo no arquipélago da Kolyma assevera-se como leitura imprescindível para quem se interessa pelo tema do gulag, da repressão stalinista e do testemunho – com o diferencial de nos proporcionar um lugar de observação privilegiado nos bastidores do ateliê de história oral do autor e da equipe de pesquisadores que o acompanha.

Referências

ANDRIEU, Kora. *La justice transitionnelle – De l’Afrique du Sud au Rwanda*. Paris: Gallimard, 2012.

FERNANDEZ, Stéphane. *Les derniers survivants de la Kolyma*. Documentário. 27 min. Coprod. CFRT, France Télévisions, Mécanos productions. França, 2012.



FLIGE, Irina A. *Sandormokh* – Le livre noir d'un lieu de mémoire. Trad. Nicolas Werth. Paris: Les Belles Lettres, 2021.

GULLOTTA, Andrea. O gulag e a literatura de gulag: um balanço das pesquisas. *Estudos Avançados*. N°31 (91). Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. pp. 41-54.

MUSEUM Gulag Memories. *Archives sonores* – Mémoires européennes du goulag. Depoimentos. Disponível em: <https://bit.ly/3ABHDb0>. Consultado em: 5 jun 2021.

VITKINE, Benoît. Russie, la mémoire mutilée du goulag. *Le Monde*. Artigo de 11 de outubro de 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3qOcXPB>. Consultado em: 9 jun 2021.

WERTH, Nicolas; BLUM, Alain. La Grande Terreur des années 1937-1938 – Un profond renouveau historiographique. *Vingtième Siècle*. Revue d'histoire, n°107, 2010. pp. 3-19. Disponível em: <https://bit.ly/3xlZqBl>. Consultado em: 30 maio 2021

Recebido em : 06/07/2021
Aprovado em : 23/07/2021